

FEMINISMO E REDES SOCIAIS NA MARCHA DAS VADIAS NO BRASIL

FEMINISM AND SOCIAL NETWORKS IN MARCH OF BITCHES* IN BRAZIL

Resumo

Refletindo sobre o intenso intercâmbio de ideias e sobre os espaços de debates feministas na internet, este trabalho busca pensar como grupos de feministas tem se apropriado desses espaços como lugar de divulgação e discussão de suas ideias. Assim, tem como objetivo analisar as principais pautas políticas e espaços de organização que motivaram e possibilitaram a realização da chamada Marcha das Vadias em 2012 em diversas cidades do Brasil. Discute possibilidades de organização - especialmente nas redes sociais - do intercâmbio de ideias sobre discussões feministas atuais; como a violência física e simbólica contra as mulheres, a criminalização das vítimas de estupro, o aborto, dentre outros temas. Nesse sentido, esse texto analisa com um olhar histórico imagens, cartazes e manifestos que foram largamente utilizados pelas (os) realizadoras (es) das marchas, tanto como forma de debate entre feministas de todo o Brasil, como forma de diálogo com toda a sociedade.

Palavras-chave: Feminismo. Redes Sociais. Marcha das Vadias. Brasil.

Abstract

Reflecting the intense exchange of ideas, images, texts, and also the spaces of feminist debates on the Internet, this paper aims to think about how the feminist groups have appropriated these spaces as a place for discussion and dissemination of ideas. For this purpose, it aims to analyzing the main political agendas and spaces of organization that motivated and made it possible to organize the March of Bitches in many cities in Brazil in 2012. We aim to discuss the possibilities of organization - especially from the social networks – of the exchanging of ideas about current feminist discussions, as the physical and symbolic violence against women, the criminalization of rape victims, abortion, among other themes. In this way, this text analyzes a historical look to pictures, posters and manifestos that were widely used by participants in the marches, both as a form of debate among feminists from all over Brazil, as any form of dialogue with society.

Keywords: Feminism. Social Networking. March of Bitches. Brazil.

Gleidiane de S. Ferreira

Mestranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil

E-mail: gleidiane_cultura@hotmail.com

*Nota da revisora: O movimento é internacionalmente conhecido como: SLUT WALK

Surgida no Canadá em 2011, a Marcha das Vadias é uma das manifestações feministas que mais tiveram repercussão nas grandes e pequenas mídias nos últimos dois anos. Identificada como uma reação à naturalização das violências contra as mulheres, essa marcha se realizou em diferentes países do mundo e em diferentes cidades brasileiras. A internet, especialmente as redes sociais, possibilitou uma forma mais rápida e dinâmica de intercâmbio de ideias entre diferentes concepções de feminismos e, principalmente, se consolidou como um veículo de diálogo com amplos setores da sociedade sobre as diversas pautas dos feminismos contemporâneos.

Desse modo, é bastante pertinente pensar de que forma a chamada “Web-militância” feminista pode, a partir da organização das marchas das vadias no Brasil, incitar diversificados debates sobre as mulheres, gênero, sexualidade e cultura. Assim, para pensar essas questões, foi de grande importância perceber a diversidade da produção possibilitada pelas mídias virtuais e de que modo estas viabilizaram a produção de publicações alternativas sobre feminismo.

Internet: divulgação e debate sobre ideias feministas

Uma das atividades de maior caracterização das marchas no mundo, e também no Brasil, foi a troca de produções de frases, textos, vídeos e imagens como forma de divulgação de ideias. É bastante comum encontrarmos em diferentes páginas na internet e nas redes sociais as mesmas frases e textos, publicadas por diferentes grupos e em diferentes línguas. O foco na denúncia da violência simbólica e física sofrida pelas mulheres também se concretizou em diferentes produções que buscaram ressignificar o corpo e as relações de desigualdade existentes em variadas produções sociais. Frases como: “Eu não sou cachorra, não!”, “Instinto masculino não é desculpa”; “Eu também sinto calor!”; “Minha roupa não me define!”, são apenas algumas que podem ser encontradas em

diferente blogs, páginas e sítios na internet, e que dialogam com diversos simbolismos construídos, em um senso-comum, sobre o comportamento e a sexualidade femininas.

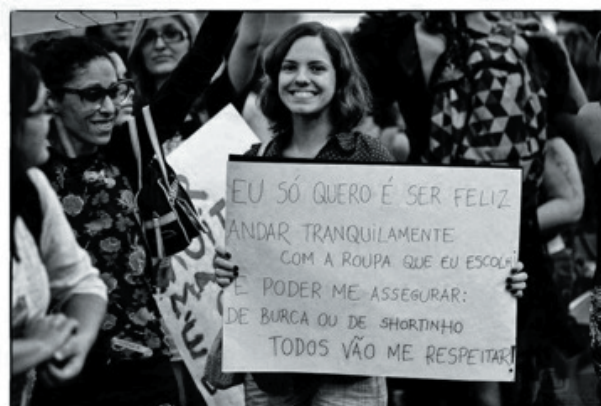


Figura 1

Músicas, propagandas, personalidades públicas, jornais, revistas, intelectuais e movimentos sociais foram alvo de críticas e reapropriações por parte das diversas organizações da marcha no Brasil, ao justificarem, de algum modo, a violência contra as mulheres, ou desqualificarem a realização da marcha das vadias em 2012. Nesse sentido, a internet passa a ser uma importante ferramenta, não só de divulgação, mas também de crítica, debate, reação e diálogo com os mais diferentes setores da sociedade, possibilitando enfrentamentos com a grande mídia sobre os temas do feminismo, gênero e violência. A possibilidade de autonomia para a produção e para a divulgação de ideias feministas na rede incitou uma grande quantidade de debates - em jornais, rádios, televisão, mas principalmente, em blogs, páginas de diversos movimentos sociais, de grupos ou pessoais, na internet- que discutiram sobre as principais pautas e táticas reivindicadas e realizadas pelas diversas marchas.



Figura 2

Em linhas gerais, as centenas de imagens produzidas para esses eventos tiveram em comum uma exposição dos corpos de diferentes gêneros, especialmente as mulheres, como um lugar de manifestação política. A exposição física, o uso das roupas curtas ou íntimas e a nudez, dentre outras performances, foram utilizadas não apenas como forma de chamar atenção, mas, principalmente, como forma de desconstrução de simbolismos, em que o corpo feminino é retratado como pecaminoso e “imoral” por diferentes discursos conservadores.

Desse modo, a internet se constrói como um espaço de publicação feminista alternativa que, diferentemente dos panfletos e fanzines que fizeram parte da mobilização das feministas até meados dos anos 90, possibilita uma maior difusão dos materiais produzidos e também de um retorno por parte das pessoas que tem acesso à essas publicações. Ou seja, a internet se apresenta como um lugar em que as ideias podem ser divulgadas e debatidas.

Entretanto, a internet também se constrói como um espaço de repressões, em que a nudez feminina e a explicitação de uma sexualidade não-heteronormativa podem ser encaradas como alvo de proibição. Concomitante à organização dos eventos, várias foram as denúncias sobre as censuras de imagens disseminadas pelas páginas de grupos e de pessoas que participaram da divulgação de materiais sobre a Marcha das Vadias, expressando também os limites existentes para o uso dessa ferramenta. Assim, embora a internet possibilite uma maior liberdade em relação às grandes mídias, a sua relação com a censura

ou com os estereótipos sobre o feminismo pode ser percebida também na rede, assim como algumas reflexões pautadas pelas marchas também puderam ser encontradas em programas de grandes grupos de comunicação. As imagens abaixo esboçam um pouco dos debates em páginas de grande acesso em torno das discussões levantadas pelas marchas no Brasil. A página do Terra referiu-se à Marcha das Vadias como um “convite à reflexão”. Esse título, apresentado conjuntamente à imagem abaixo, em que a exposição do corpo como lugar de protesto é evidenciado, expõe o caráter reflexivo e crítico proposto pelas feministas. Diferentemente de outras páginas, a exposição do corpo não aparece despolitizada, mas sim como um meio para a criticidade. Essa forma de apresentação pública também foi uma preocupação pensada pelas feministas, já que a tática de escrever sobre o próprio corpo é uma forma encontrada de subverter imagens produzidas em torno das marchas, que focam a nudez e a exposição do corpo feminino como algo despolitizado e sem propósitos. Nesse sentido, o corpo escrito fotografado restringe uma aparição pública que se desvincula totalmente das ideias propostas pela mobilização.

A outra imagem, produzida pela organização da Marcha das Vadias de São Paulo, expôs uma crítica à ambiguidade moral quanto ao corpo das mulheres, denunciando as censuras realizadas por uma rede social.



Figura 3



Figura 4

Essas imagens, divulgadas em diferentes mídias, referem-se às pautas mais comumente discutidas nos grupos de organização desse evento: a violência contra as mulheres, a criminalização das vítimas, o machismo nas mais diferentes relações sociais e culturais. Nesse sentido, a internet pode ser vista como uma forma de aproximação entre um grande número de pessoas – de diferentes classes sociais, origem étnico-raciais, escolaridade, faixa-etária, dentre outros – com a multiplicidade de debates sobre o feminismo.

Tomando como referência a produção de material realizado pela Marcha das Vadias de Brasília, pode-se esboçar sobre o alcance e, principalmente, sobre o esforço de divulgação de ideias feministas para diferentes segmentos da sociedade. É perceptível uma tentativa de aproximação entre as ideias feministas e o cotidiano das pessoas. Muitos dos esforços das organizações das marchas se deram na tentativa de desnaturalizar algumas desigualdades, reforçadas por uma pouca reflexão de práticas cotidianas e que, muitas vezes, passam despercebidas por grande parte das pessoas.

Uma das questões centrais percebidas nas criações materiais da Marcha das Vadias no Brasil, especialmente da Marcha de Brasília, é uma tentativa de realizar um deslocamento das imagens construídas na grande mídia, e respaldadas por um senso-comum,

da imagem do sujeito do feminismo. Ainda fortemente marcado pelos estereótipos de mulher jovem, feia, infeliz, lésbica, radical e mal-amada, que acompanha as feministas desde a chamada primeira onda; o sujeito do feminismo foi em diversas dessas criações, apresentado de uma forma que desconstruísse tais imagens. Podemos observar tais questionamentos nas imagens abaixo:



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8

Evidenciando as várias ideias, frases, comportamentos, piadas e preconceitos que demonstram desigualdades nas relações entre homens e mulheres, e que constrem uma cultura misógina, essas matérias visaram destacar de que modo o feminismo atua nas mais diversas relações cotidianas. Apresentar mulheres de diferentes idades, homens, crianças e uma variedade de questionamentos sobre

uma cultura de desigualdades, foi uma tática adotada para refletir a forma com que muitos e muitas de nós, mesmo sem se associar ao feminismo, ou mesmo rejeitando-o, defendemos ideias feministas. Rejeitar uma pré-concepção do que são “coisas de meninas” e “coisas de meninos”, como no caso de gostar de Rock’n Roll; rejeitar uma educação que constrói homens rudes, grosseiros e que deveriam esconder qualquer aspecto que denote fragilidade que oponentemente reforçam a fragilidade e a submissão para as mulheres; reforçar a ideia de não aceitação de comentários e piadas machistas, muitas vezes como forma de “brincadeira”; são todas elas formas de entender que o feminismo, mais do que lutar por direitos e igualdades para as mulheres, questiona as práticas sociais e culturais que constrói e reforçam essas desigualdades. Daí, por exemplo, a difusão da luta contra o racismo, a homofobia e a violência de classe serem também fortemente representadas como pautas do feminismo.



Figura 9

Reapropriado-se de pautas históricas para o feminismo, como por exemplo, a opressão estética, o direito ao prazer, a igualdade no trabalho e o aborto, essas imagens divulgaram também uma outra estética ao retratar esses temas. Exibindo mulheres

sorridentes, felizes consigo mesmas, e ridicularizando alguns temas que ainda permanecem na sociedade brasileira, como no caso das desigualdades salariais entre homens e mulheres, da criminalização do aborto, e da construção de padrões físicos para as mulheres, essas produções vão de encontro às imagens que produziam as feministas como mulheres sérias e infelizes, cujas discussões tinham como foco a questão da repressão.

Assim, entendo que o uso da internet, apesar dos seus limites e das repressões, possibilita uma forma mais democrática de retratar e divulgar as ideias feministas, viabilizando uma produção estética bastante ampla e inúmeros debates sobre as ideias difundidas, já que para cada postagem abre-se a possibilidade de comentários para o público receptor.



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13

Desnaturalizando a cultura machista: “Não a criminalização da vítima!”

A culpa é de quem?

“Respondeu que encontrava sempre a queixoza, Josepha de Almeida, às oito horas da noite e em outras horas, sosinha e outras vezes conversando pelas esquinas com homens, parecendo ao depoente tratar-se de uma mulher da vida livre, pois os seus modos isso faziam crer, que em fins de setembro último, estando o depoente na sua fabrica, (...), já pelas seis e meia da noite, quando ahi veio ter a queixoza Josepha de Almeida, offerecendo-se ao depoente por meios provocadores, tendo-se até despido nessa ocasião. Que aproveitando o ensejo que se lhe oferecia, o respondente teve relações sexuaes com a queixoza, observando porem, que esta ja não era mais virgem, conforme era sua convicção interior, que se corroboram em face da completa auzencia de pudor da queixoza, respondente acha e oportunamente provará que Josepha de Almeida é de maioridade, que conforme o conceito geral, Josepha Almeida – a queixoza – é mulher da vida livre(...)”.

O texto acima se refere à acusação de crime de defloramento na cidade de Fortaleza no ano de 1917. Depois de prestar queixa, a jovem, que por intermédio do pai de criação, fizera a denúncia de que havia sido deflorada quando retornava da igreja para casa, passou a ter o seu comportamento pregresso investigado pela justiça. Saber se era de família, se saía sozinha, se tinha o comportamento recatado e se não parecia uma “mulher de vida livre” eram os fatores centrais para pensar a honra da jovem queixosa e a veracidade de sua queixa. O acusado, como podemos perceber no trecho acima, mobilizou na sua declaração todas as referências morais que poderiam tornar o bom comportamento da moça ameaçado.

Embora se refira a uma experiência de início do século XX, o caso acima se apoia em uma relação cuja vítima é a figura principal de investigação.

Esses procedimentos, que nem sempre estiveram fundamentados legalmente, mas que fizeram parte do cotidiano das relações entre violência e questões de gênero, ainda encontram lugar nos dias de hoje.

O reforço de uma perspectiva instintiva para a sexualidade masculina, e também de uma dicotomia entre “mulheres para casar” e “mulheres da vida” foram grandes alvos de discussão nas publicações das várias marchas no Brasil, buscando desnaturalizar as justificativas dadas para as violências contra as mulheres. Sair sozinha, vestir-se com roupas curtas ou ditas “sensuais”, consumir bebidas alcólicas, exercer livremente a sua sexualidade, ainda são formas bastante utilizadas para justificar comportamentos masculinos violentos. No trecho do manifesto, impresso e veiculado na internet, da Marcha das Vadias em Florianópolis diz:

Quando alguém sofre uma agressão de qualquer tipo, quem é o responsável? A resposta parece óbvia, o agressor! Nem sempre é assim que as coisas funcionam no caso de violência contra a mulher. Embora seja garantido a ela o direito de denúncia e proteção, na prática o que costuma acontecer é que a vítima é julgada como sendo responsável de alguma maneira pela violência. Violência não é só violência física, é também psicológica, simbólica e patrimonial. Quando uma mulher é obrigada a escutar comentários de péssimo gosto, que tem relação com seu corpo e a forma como ela está vestida, isso também é violência. Quando se trata de abuso sexual, é comum ouvirmos que “a mulher facilitou”, andou em lugares perigosos, vestiu-se de maneira inapropriada, ou até mesmo “não se deu ao respeito”. Esse tipo de atitude acaba por impedir a mulher de procurar ajuda, afinal, ela mesma pode se sentir culpada uma vez que vive numa sociedade que mantém pensamentos como esse. Lugar de mulher é em qualquer lugar, em qualquer horário e com a roupa que ela quiser!

Esses questionamentos foram amplamente divulgados na internet, de modo que tais reflexões puderam chegar a uma quantidade bastante grande

de pessoas navegadoras. Só na página da Marcha das Vadias de Brasília no Facebook, as produções de imagens, textos e frases que foram diagramadas para postagem, receberam centenas de “curti” e uma variação entre 250 e 400 compartilhamentos. Desse modo, entendendo que para cada compartilhamento, existe uma possibilidade ainda maior de divulgação desses materiais, é bastante interessante perceber a ampla disseminação possibilitada por esses meios. Assim, os questionamentos desses aspectos que envolvem simbolismos de gênero no cotidiano foram uma das maiores marcas dessas publicações. Uma das imagens mais divulgadas em páginas e blogs feministas no Brasil tratou de um indagação sobre o falso argumento de que quando uma mulher usa roupas pequenas “está pedindo para ser estuprada”. Ou seja, a indagação da valia dessa afirmação apenas para mulheres, e não para homens, possibilitou um debate sobre as justificativas dadas por acusados de violência sexual e, também, sobre a liberdade e autonomia das mulheres quanto aos seus padrões estéticos.

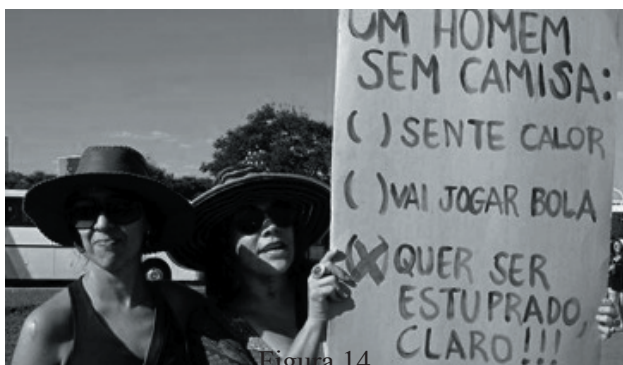


Figura 14

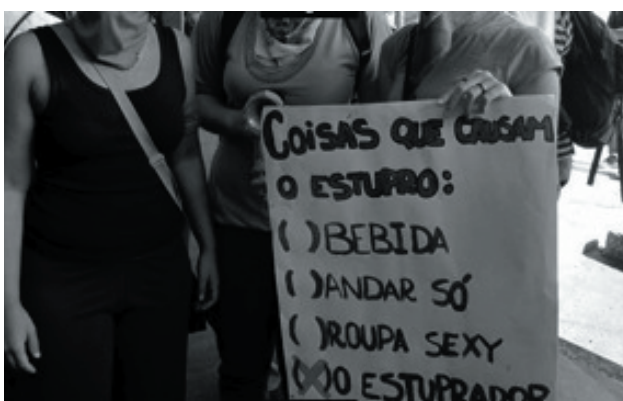


Figura 15

Por que vadia?



Figura 16

Um dos maiores debates incitados pela Marcha, foi o uso e a reivindicação da palavra vadia. Muito próximo da perspectiva queer norte-americana, que buscou exprimir outra conotação para o termo queer, a luta pela ressignificação do termo Vadia - recorrentemente utilizada no Brasil, como expressão de escárnio e xingamento – foi um dos objetivos principais da construção das marchas. Sem dúvida, vislumbrando rapidamente alguns blogs, sítios e as páginas das marchas nas redes sociais, a discussão sobre o uso do termo incitou uma grande quantidade de debates. Muitas pessoas que apoiaram e acharam importantes as discussões sobre as violências de gênero, molestaram-se com a reivindicação do termo. Mesmo militantes do movimento negro e do movimento gay, que travaram longas lutas para ressignificar os termos negro e gay usados durante muito tempo como forma de xingamento, inquietaram-se com o uso do termo, que naturalmente era usado como forma pejorativa.

Amplamente difundido como uma forma de relacionar mulheres de comportamento livre – principalmente em relação à sexualidade - o termo vadia pôde compor com protagonismo o mosaico de questionamentos levantados pelas marchas das vadias no Brasil e no mundo. Relacionar o termo com o exercício de várias liberdades fez possível uma auto-nominação do termo como uma demarcação da liberdade.

Conclusão

Por fim, aplaudidas, elogiadas, fortemente criticadas pelos grupos de esquerda como manifestação burguesa, ou rechaçadas por grupos religiosos; o mais importante da repercussão das Marchas das Vadias certamente aconteceu. Debatidas nas mais diversas mídias e pelos mais variados veículos, as Marchas apropriaram-se dos artefatos midiáticos possibilitados pela internet para tornar mais disseminadas a multiplicidade de reflexões trazidas pelos feminismos contemporâneos. Apropriar-se desses mecanismos é de suma relevância para difundir, multiplicar e democratizar cada vez mais os debates sobre as relações de gênero no Brasil.

Figuras:

Figura 01: Imagem publicada na página do Coletivo Marcha das Vagabundas Florianópolis no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/archaDasVagabundasFlorianopolis?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 02: Fotografia que integra a lista de imagens sobre a Marcha das Vadias no Mundo, na página do Grupo UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/2012/05/25/marcha-das-vadias-pelo-mundo.htm#fotoNav=198>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 03: Imagem utilizada pelo site Terra para ilustrar a reportagem Marcha das Vadias: um convite à reflexão, sobre as Marchas ocorridas no dia 26 de maio de 2012, no Brasil. Disponível em: <<http://vilamulher.terra.com.br/marcha-das-vadias-um-convite-a-reflexao-11-1-71-299.html>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 04: Debate sobre a questão da divulgação de imagens com nudez. Publicada no blog Maria Frô. Disponível em: <[\[falsa-moral-no-facebook-a-respeito-da-nudez/\]\(http://www.facebook.com/falsa-moral-no-facebook-a-respeito-da-nudez/\)> Acesso em: 10 dez. 2012.](http://mariafro.com/2012/05/31/a-</p>
</div>
<div data-bbox=)

Figura 05: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 06: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 07: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 08: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook.

Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 09: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 10: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 11: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012

Figura 12: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10

dez. 2012

Figura 13: Imagem publicada na página oficial do coletivo Marcha das Vadias de Brasília no Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 10 dez. 2012

Figura 14: Imagem publicada no blog Raízes e Asas. Autora Mari Lee. Disponível em: <<http://raizadas.blogspot.com.br/2011/06/marcha-das-vadias.html>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 15: Imagem publicada no blog Raízes e Asas. Autora Mari Lee. Disponível em: <<http://raizadas.blogspot.com.br/2011/06/marcha-das-vadias.html>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Figura 16: Imagem criada pelo coletivo Marcha das Vadias São Carlos e retirada do “blog para ladys”. Disponível em: <<http://blogparaladys.blogspot.com.br/2012/05/por-que-marcha-e-das-vadias.html>> Acesso em: 10 dez. 2012.

Referências

CAULFIELD, Sueann (2000). *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, Campinas, Editora Unicamp.

FOUCAULT, Michel (1988). *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal.

MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel (Org.) (2003). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP.

MIZCOLCI, Richard. (2012). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NICHOLSON, Linda (2000). Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol.8, n.2.

VIGARELLO, Georges (1988). *História do estupro – violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WEEKS, Jeffrey (2001). O corpo e a sexualidade. In:
LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado:
pedagogias da sexualidade*. 2. Ed. Belo Horizonte:
Autêntica.

Recebido em: 15/04/2013

Aceito em: 15/05/2013